



Inferências conversacionais e construções gramaticais: um processo sócio-cognitivo

*Lucilene Hotz Bronzato**

1. Introdução

A gramática existe para codificar o significado. Todavia, é notório que a comunicação, enquanto atividade social na qual a gramática exerce papel preponderante, exige dos indivíduos conhecimentos e habilidades que vão além da competência gramatical. Nas interações sociais é necessário que os falantes estejam munidos de saberes extra-linguísticos, culturalmente adquiridos, para que em determinadas situações de conversação eles sejam capazes de avaliar as pistas contextuais, isto é, a configuração linguística em que a mensagem aparece para associá-las a outros aspectos que envolvem uma dada situação de fala e, a partir disso, fazer inferências indiretas, ou seja, acessar as intenções de seu interlocutor, dando-lhe uma resposta adequada e interagindo com ele cooperativamente.

Faz parte da agenda dos estudos linguísticos atuais a preocupação e o interesse em se investigar que tipos de conhecimentos (linguísticos ou não) formam a base para as inferências conversacionais e como esses conhecimentos são processados cognitivamente e configurados numa estrutura sintática particular.

Este estudo, portanto, pretende analisar, dentro dessa perspectiva, um fenômeno linguístico de natureza muito popular e que, por isso mesmo, vem se tornando muito produtivo na língua portuguesa: a intransitização de verbos

* Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Mestranda em Linguística pela UFJF.

prototipicamente transitivos que, ao terem sua valência alterada devido à omissão de alguns de seus complementos, guiam o sentido do enunciado, transferindo a perspectiva da ação verbal de um ESQUEMA CONCEPTUAL GENÉRICO para um ESQUEMA CONCEPTUAL ESPECÍFICO, enquadrando-a em uma moldura comunicativa de NORMA DE CONDUITA, via instrução pragmática. Interessa-nos explicar, por exemplo, porque um verbo como 'DAR', quando configurado em uma construção intransitiva, especifica o sentido em "*entregar-se sexualmente a alguém*", conforme mostra o enunciado "*Se a gente não dá Ø¹, os caras não querem saber da gente.*"²

Assumimos para tanto que os verbos possuem uma valência prototípica, estabelecida pelo tipo de esquema conceptual (frame) que eles evocam na mente dos falantes. Nesse esquema evocado sabe-se, *potencialmente*, quais e quantos participantes os verbos exigem que integrem junto com eles uma dada cena que se cria quando se seleciona uma construção (configuração sintática) na qual enquadrar-se-ão os itens lexicais. Se na construção escolhida um dos participantes exigidos não se realiza, temos então um caso de alteração de valência.

Alguns casos de omissibilidade de complementos são clara e facilmente descritos, entre eles os casos de informação recuperada no contexto da própria enunciação: "*O pianista tocou ontem*"; substituição do complemento por advérbios: "*Os adolescentes comem muito*"; ou mesmo generalidade do SN (ênfase na ação verbal): "*Minha prima adora fotografar*". Os casos, porém, em que a intransitivização de um verbo serve como pista contextual para se ativar um modelo cognitivo idealizado específico (MCI)³ requer um olhar mais atento porque revela-nos um processamento cognitivo, socialmente motivado e gramaticalmente refletido, de grande complexidade.

2. Pressupostos teóricos

Nossa abordagem do fenômeno linguístico da omissão de complementos que gera uma especificação de sentido fundamenta-se em dois eixos teóricos principais: a *Gramática das Construções*, conforme delineada em Fillmore (1988) e Goldberg (1995) e a *Teoria dos Espaços Mentais* (Fauconnier, 1994 e 1997).

Fillmore, preocupado em descrever uma sintaxe cujo objetivo primeiro é conectar muito intimamente estruturas sintáticas a seus significados e usos propõe que se considere como gramática de uma língua o conjunto de construções

1 O símbolo Ø significa omissão de complemento previsto na valência verbal.

2 Exemplo retirado do livro *Queda Livre* de Renato Tapajós. São Paulo: Ática, 1998.

3 Modelos cognitivos idealizados (MCI's) são definidos por Lakoff (1988) como sendo "idealizações e abstrações construídas pelo sujeito a partir de sua interação com modelos culturais, construídos coletivamente e que podem não ter correspondência total com a realidade externa. Esses modelos, assim como frames, scripts e esquemas conceptuais, a partir do conhecimento pragmático, estruturam o significado e possibilitam a interação entre expressões linguísticas e representações mentais." (*apud* Barroso, T. Revista Instrumento).

gramaticais nela disponíveis, sendo que essas construções representariam a associação de um padrão sintático a uma estrutura semântico-pragmática. Duas noções básicas são evocadas: a de **estrutura argumento-predicado** e a de **frame**. A primeira, segundo Fillmore, teria a função de relativizar o significado a uma determinada cena, a partir do item lexical selecionado (predicador) mostrando quais e quantos participantes dela farão parte. A segunda diz respeito a uma estrutura de conhecimento compartilhada que nos permitiria comunicar informações sobre cenas. Nas construções de complementação, lexicalmente encabeçada, a descrição de valência do predicador é que é responsável pelos lugares (slots) a serem preenchidos pelos participantes da cena (argumentos). Na descrição da estrutura de complementação de um verbo, deve-se considerar quantos lugares (slots) estão associados a ele, quais funções gramaticais e quais papéis semânticos são requeridos, como também a forma gramatical que eles devem assumir. Teríamos, como exemplo, a seguinte descrição de valência para o verbo DAR:

Lexema: "DAR"		
Cat V		
Lex +		
1	2	3
Agt	Pac	Goa
N	N	Ppara

Partindo disso, Fillmore assume que os verbos possuem uma valência prototípica e a não-instanciação de um elemento previsto pode ser explicada por alguns fatores como: 1) **complementação indefinida nula**, em que a identidade do elemento ausente é indiferente ao falante e que abrange duas subclasses: a primeira corresponde ao enfoque no processo verbal por si mesmo; a segunda quando o sentido do verbo se especializou em alguma direção, como por exemplo, *My uncle Joe drinks* que, nas palavras de Fillmore, significa "*o Tio de Joe habitualmente bebe bebidas alcoólicas*"⁴. 2) **complementação definida nula**, quando o argumento ausente pode ser claramente recuperado no contexto linguístico ou pragmático, sendo que o falante não tem o direito de omiti-lo sem assumir que a compreensão é compartilhada.

Nessa perspectiva as maiores contribuições de Fillmore são as seguintes proposições:

- a) Os significados são relativizados a cenas;
- b) Os predicadores evocam determinados "frames semânticos";
- c) A omissão de complementos exigidos na descrição da valência de um verbo não é aleatória.

⁴ Fillmore reconhece a especificação causada pela omissão do complemento, porém não a explica.

No entanto, Fillmore não explora o modo de construção do significado quando se tem uma alteração de valência, embora ele cite como exemplo o verbo TO DRINK como um verbo que usado intransitivamente especializa o sentido numa dada direção (bebidas alcóolicas) ele não diz nem como nem por que isso acontece.

A Gramática das Construções, conforme delineada em Goldberg, mantém os pressupostos básicos da teoria de Fillmore, todavia avança em termos teóricos já que pretende não somente caracterizar o que seja uma construção, como também configurar algumas delas, deixando claro qual a importância das construções gramaticais na construção do significado. A primeira afirmação relevante que se coloca é a de que as construções gramaticais carregam significados independentemente dos itens lexicais que a compõem. Elas são vistas, pois, como entidades teóricas, unidades básicas da língua. As diferenças sistemáticas de significados de um mesmo verbo em diferentes construções são atribuídas diretamente às construções particulares nas quais eles ocorrem. A grande hipótese que permeia toda a análise é a de que as sentenças simples estão associadas diretamente a estruturas semânticas que refletiriam cenas básicas da experiência humana. O mapeamento da estrutura semântica em uma configuração sintática é feito por regras de conexão.

Essa teoria avança na medida em que postula que o sentido do verbo não varia, o que traz diferenças de significado é a construção gramatical na qual ele se encontra. Além disso, o significado da sentença é colocado como resultado da integração dos significados das entradas lexicais somados aos significados inerentes às construções.

A teoria dos Espaços Mentais, delineada por Fauconnier, se coaduna com a postulação da Gramática das Construções, pois admite que uma das funções da linguagem é capacitar-nos a fazer construções apropriadas a um dado contexto, a partir de um mínimo de estrutura gramatical, que nos servirá como "chave" de acesso a determinados domínios e princípios úteis na construção de um dada situação. O processamento do significado, então, seria o resultado da combinação dessas chaves com configurações já existentes, princípios cognitivos e conhecimento de fundo (*"background frame"*), o que explica o resultado semântico muitas vezes ir além do que determina a configuração sintática, advindo daí a certeza de que *a forma apenas subdetermina o significado*. A gramática é, pois, a conexão visível entre um estágio cognitivo misterioso e um comportamento aparente, superficial do ser humano. As sentenças são, na verdade, redes de informações que trazem: a) informações sobre esquemas genéricos e frames; b) informação lexical que conecta os elementos dos espaços mentais aos frames e modelos cognitivos do conhecimento de fundo; c) informação pragmática e retórica. Portanto, uma sentença é cognitivamente complexa porque incorpora informações e constrói instruções nos diferentes níveis da língua, elas são passos na construção do sentido. Segundo Fauconnier, os trabalhos em Gramática Cognitiva e Gramática das Construções sugerem que as configurações sintáticas são um meio de acessar esquemas muito genéricos que

poderão tornar-se mais específicos quando se considera o contexto local, as conexões espaciais locais e também os conhecimentos culturais (*background knowledge*) relevantes. A informação gramatical é mínima e altamente abstrata, o que fica em aberto é deixado para ser resolvido pela competência cognitiva do usuário da língua. As construções gramaticais e os itens lexicais evocariam, assim, “esquemas de conhecimento”.

3. Metodologia

O estudo da alteração da valência verbal, enquanto geradora de sentidos específicos, baseia-se a priori em sentenças simples do português. Muito embora os verbos analisados não tenham sido retirados de um corpus específico, documentado, eles só aparecem na listagem devido a sua ocorrência em situações de interação escrita ou falada. Por não se tratar de um fonte única de dados, as sentenças coletadas serão analisadas ao longo do texto, na medida em que os exemplos ratifiquem os pressupostos teóricos assumidos.⁵

4. Hipóteses

As sentenças simples são exemplos de construções na medida em que representam uma correspondência entre forma e sentido, que existe independentemente das escolhas lexicais que se façam. Isso quer dizer que as construções portam por si mesmas significados, independente das palavras que compoem a estrutura sintagmática. Desta forma, considera-se que o significado de uma sentença se constrói não só alicerçado pelos itens lexicais selecionados como também em grande parte pela construção na qual eles aparecem. Assim, teríamos diferentes construções a nos dar diferentes possíveis sentidos e, ao encaixarmos um item em uma ou em outra, teríamos variações no significado. No português, por exemplo, a construção intransitiva tem significados a ela relacionados que são distintos daqueles relacionados à construção transitiva:

Construção intransitiva: Os homens amam.

Construção transitiva: Os homens amam o futebol.

Pelo exemplo dado, percebemos que embora o predicador seja o mesmo (AMAR) a interpretação dos dois enunciados diferem: na letra a entende-se que o ser humano tem a capacidade de amar; já na letra b o significado que se

⁵ Muitos exemplos seguirão sem a referência exata da obra e do autor, principalmente quando se tratar de letras de músicas.

constrói é que os seres humanos do sexo masculino gostam de um tipo de esporte que é o futebol. É importante, pois, notar que a generalidade do complemento em a otimizou a construção intransitiva o que nos leva a crer que quando se quer significar "habilidade, capacidade de fazer x, sendo x o predador", poderemos recorrer a uma construção intransitiva, pois esta é uma das correspondências entre forma e sentido que essa construção estabelece.

c) *Meu filho não ouve.*

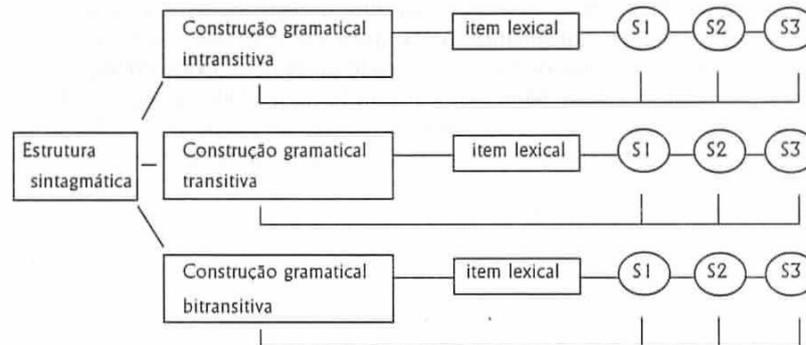
d) *Meu filho não ouve música sertaneja.*

As sentenças c e d reforçam o que dissemos acima, pois um enunciado como o da letra c, pronunciado por uma mãe, só consegue significar o mesmo que "Meu filho é surdo" ou seja, *não tem a capacidade de ouvir*.

Isso nos leva a afirmar que configurações de complementação distintas trazem como consequência diferentes interpretações, ou seja, diferentes sentidos, o que corresponde ao **Princípio da não sinonímia de formas gramaticais**, conforme postulado por Givón (1985), Kiirsner (1985), Langacker (1985), Clark (1987) e Wierzbicka (1988).

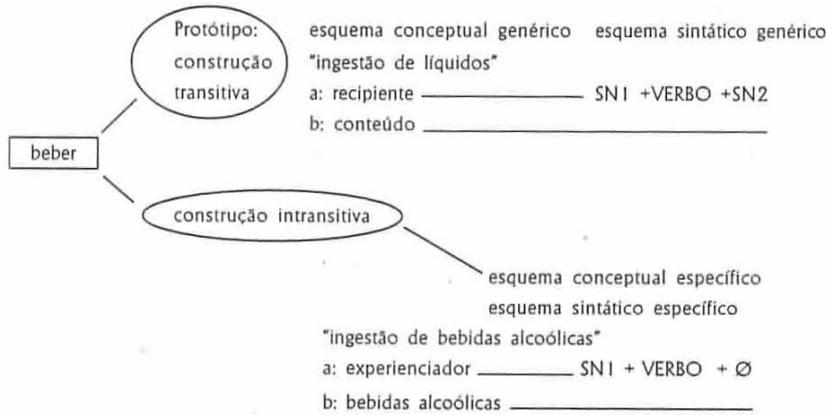
Daí, a formulação da nossa primeira hipótese (H1):

No português, as configurações sintáticas ditadas pelo verbo são construções polissêmicas, isto é, possuem vários significados a elas relacionados



O que o esquema acima almeja representar é que, a partir da configuração sintática, identifica-se a construção e abre-se o elenco de significados inerentes a ela (S1, S2, S3, SN). Simultaneamente, faz-se a compatibilização dos itens lexicais selecionados na estrutura sintagmática com esse mesmo elenco, construindo-se, assim, o significado mais apropriado a um determinado enunciado.

Como nossa análise se detém especificamente na construção intransitiva, encabeçada por um item lexical verbal potencialmente transitivo, tentaremos representar o relacionamento entre a configuração sintática e os sentidos da construção, usando como exemplo o verbo “beber” que será representado, primeiramente, em sua valência prototípica (dois lugares) em termos de configuração sintática e enquadramento semântico. Em segundo lugar, representar-se-á esse mesmo predicador em uma construção intransitiva, (apenas um participante) mostrando-se, por isso, um novo enquadre do significado, extraído do elenco de possibilidades semânticas da construção intransitiva.⁶



Espontaneidade e involuntariedade do sujeito em relação a 'x'.
Capacidade do sujeito em relação a 'x'.
Habitualidade do sujeito em relação a 'x'.
Generalidade de 'x'.
Rompimento de regra de conduta (instrução pragmática: OMITIR COMPLEMENTO)

A conversão do papel temático de 'recipiente' em 'experienciador' justifica-se na medida em que o esquema conceptual específico só poderá ser acessado quando o SN1 for marcado como [+humano].

H2: O significado da sentença se constrói a partir de dois inputs básicos: a construção e os itens lexicais selecionados.

⁶ O elenco dos significados disponibilizados pela construção intransitiva não apresenta nesse trabalho uma configuração exata, pois não foi feito, a priori, nenhum estudo de investigação necessário a uma descrição mais exata.

H3: Um dos significados da construção intransitiva, no português, é "ato ou processo socialmente condenado", que pode ser resumido como "rompimento de regra de conduta".

Em H3 estamos assumindo que a construção intransitiva quando encabeçada por um predicador cuja valência reserva mais de um slot pode estar sinalizando e ativando uma ação verbal que rompe com uma determinada regra de conduta social.

H4: o significado dado em H3 para a construção intransitiva reflete uma preocupação com a face, sendo, no português do Brasil, uma estratégia de polidez positiva.

Brown e Levinson, ao enumerar 15 estratégias de polidez positiva usadas pelos falantes, inclui entre elas a *elipse*. Também segundo Goffman (1983), "*em qualquer sociedade, sempre que surge a possibilidade física de uma interação falada, um sistema de práticas, convenções e regras de procedimento, que funciona como um meio de guiar e organizar o fluxo da mensagem, parece entrar em jogo*". Isso porque ainda que uma mensagem seja trivial, ao enunciá-la, a pessoa compromete a si mesma e aqueles a quem se dirige, podendo, pois, ser desconsiderada, julgada atrevida, tola ou ofensiva pelo o que disse. Por isso, é necessário que as pessoas envolvidas num encontro social sejam participantes auto-reguladores, seguindo uma orientação defensiva para salvar a própria face e outra protetora, salvaguardando a face alheia. Ações de salvamento tornam-se comumente práticas habituais e padronizadas, sendo que cada pessoa, cada subcultura, cada sociedade tem seu próprio repertório dessas práticas.

No caso da intransitivização de verbos prototipicamente transitivos, o que se nota é um acordo tácito entre quem enuncia e quem ouve de modo que através da "*linguagem da insinuação*" o significado se construa, preservando as faces dos interlocutores. Goffman diz que a regra referente a este tipo de comunicação que ele denomina de "não oficial" é a seguinte: "*O transmissor não deve agir como se tivesse transmitido oficialmente a mensagem que insinuou, enquanto os receptores têm o direito e a obrigação de agir como se não tivessem recebido oficialmente a mensagem contida na insinuação. A comunicação por insinuação, portanto, é uma comunicação negável, a qual não é necessário enfrentar*".

Um caso anedótico muito popular no Brasil, cujos personagens envolvidos são identificados como sendo o ex-presidente Jânio Quadros e um jornalista, serve muito bem para ilustrar o que acima foi dito. Segundo o folclore, o jornalista perguntou a Jânio: "**Por que o senhor bebe?**" e o ex-presidente imediatamente respondeu: "**Bebo porque é líquido; se fosse sólido, eu comeria.**" Independentemente da veracidade ou não do fato, a confecção da anedota revela coisas interessantes a respeito do fenômeno linguístico que estamos

estudando. Na pergunta do jornalista, o verbo 'beber' aparece numa construção intransitiva, tendo, contudo, um complemento específico "bebidas alcoólicas", não explícito, porém insinuado. Com sua resposta o ex-presidente, interpretando a "insinuação", nega-a, atribuindo à pista de contextualização (a omissão do complemento) um outro sentido, também possível e até mais geral das construções intransitivas: a generalidade, que não traz nenhuma ameaça à face. Na verdade é como se ele dissesse "bebo água, leite, café, bebidas alcoólicas porque são líquidos e líquidos são para ser ingeridos", ou seja, ele reenquadra o discurso, realinhando-o na direção do esquema conceptual genérico "ingerir líquidos". É devido a ocorrências como a que aludimos que Goffman afirma que "as comunicações pertencem a um esquema menos punitivo do que os fatos porque podem ser contornadas, abandonadas, desacreditadas, convenientemente mal-interpretadas e habilmente transmitidas."

O caráter insinuativo dos enunciados nos quais verbos prototipicamente transitivos são intransitivizados permitem um jogo bem humorado entre criação de expectativas e quebra das mesmas. Na linguagem musical isso é muito frequente dando origem a um gênero específico que são as músicas de duplo sentido. Vejamos alguns exemplos:

- (A) – *Eu dei ...*
 (B) – *O que foi que você deu, meu bem?*
 – *Eu dei..*
 – *Guarde um pouco para mim também!*
 – *Eu dei...*
 – *Diga logo, diga logo, é demais.*
 – *Não digo e adivinhe se é capaz.*

A ausência do complemento explícito do predicador "dar" a princípio guia a interpretação numa única direção: "entrega sexual". No entanto, a tentativa do ouvinte / interlocutor B é fazer com que isso seja ratificado ou retificado pelo falante A, que faz um "jogo de esconde-esconde". No fluxo do discurso várias tentativas de descoberta do complemento verbal são feitas: "Você deu seu coração?" pergunta o falante B e todas as hipóteses vão sendo negadas por A, mantendo o clima de suspense e malícia do início. Um outro exemplo desse jogo linguístico é dado por Lulu Santos: "Porque eu só faço com você, só quero com você, só gosto com você, adivinha o quê?" Os predicadores usados pelo compositor ('fazer', 'querer' e 'gostar') não têm o mesmo status lexicalizado de predicadores como 'beber' e "dar" em construções intransitivas. Muito pelo contrário. No entanto, num contexto específico no qual fica explicitada uma relação amorosa, a intransitivização foi possível, muito embora a interpretação feita pelos ouvintes possa ser negada a qualquer tempo. Isso mostra o quanto o sentido da construção é independente das escolhas lexicais que se façam.

Quando, por fim, fica explicitado o elemento omitido, acaba havendo um reenquadre do discurso, caracterizando o fenômeno designado por Goffman de *“footing”*. Na marcha carnavalesca “Cabeleira do Zezé” isso fica bem claro quando se começa a tentar responder à pergunta “Será que ele é?": **Será que ele é bossa nova? Será que ele é Maomé? Será que ele é transviado?** O que se busca é ativar outros MCI's nos quais ter cabelos longos não se incompatibiliza com o traço [+masculino], como forma de negar ou gerar dúvida quanto à primeira interpretação construída quando se depara com a pergunta “Será que ele é?”. A cada pista contextual nova, novos endereços são ativados e novos MCI's são requeridos na construção do significado.

H5: O MCI específico ativado pela construção intransitiva pode ser genericamente designado por “tabus sociais”, sendo subdividido em duas áreas semântico-pragmáticas básicas: sexo e drogas.

No Brasil, quase todos os aspectos relacionados a práticas sexuais não permitidas e ao uso de drogas em geral são tratados como assuntos “tabus” sobre os quais incidirão algumas exigências sociais: **serem evitados, dissimulados e/ ou eufemizados**. Essas normas de conduta, adquiridas culturalmente, fazem parte da competência comunicativa dos falantes do português e constituem conhecimentos armazenados em seus MCIs. Isso também se reflete na estrutura sintática, condicionando as escolhas lexicais e /ou as construções nas quais as sentenças serão modeladas.

126



Sempre que os usuários da língua estiverem percorrendo esses dois grandes campos semânticos, as instruções pragmáticas presentes nos MCIs serão acionadas de modo a garantir que uma das exigências culturais seja cumprida.

Não é de se estranhar que todos os neologismos verbais derivados desses dois campos revelem uma descrição de valência prototipicamente intransitiva (Transar, Furunfar, entre outros). Poderíamos citar o mais recente deles: o predicador **"Ficar"** que estabelece uma relação que envolve atração sexual, sem, contudo, implicar em compromisso: *ficar é "estar com o outro, por puro prazer, e por pouco tempo"*.

É bastante previsível que a referência aos usuários de crack já possa ser feita com o verbo "queimar" ou "estalar" modelados numa construção gramatical intransitiva, algo como: *Em São Paulo é muito comum ver gente queimando/estalando nas ruas*.⁷

Muito embora o verbo "Jogar" não se inclua em nenhum desses dois campos, ele é englobado pela área semântica mais ampla, a dos "vícios", já que quando usado intransitivamente a interpretação da sentença leva-nos a considerar o sujeito da ação verbal como "jogador compulsivo", aquele que não tem mais domínio sobre sua vontade e que tornou-se dependente dos jogos de azar.

O que levaria uma senhora, ao tentar ressaltar as qualidades do marido, emitir o seguinte enunciado: **"Josino não bebe, não fuma, não joga"** (Programa Sílvia Poppovic, Rede Bandeirantes de televisão, 30/08/99)? Na verdade, ela se apropria de uma construção gramatical disponível no elenco da língua (a construção intransitiva) e seleciona três entradas lexicais verbais prototipicamente transitivas, com um único objetivo: explicitar que seu companheiro não tem vícios condenáveis socialmente, sendo, portanto, um bom marido.

Por que algumas entradas lexicais verbais se prestam a serem usadas intransitivamente, ativando um esquema conceptual específico e outras não? Uma resposta satisfatória e coerente demandaria um outro esforço de análise que não cabe no objetivo desse estudo. Todavia, cumpre ressaltar que fica bastante clara a necessidade de projeção entre domínios conceptuais, gerando ora um espaço mescla ora um domínio metafórico.

5. Análise e discussão dos dados

Nossa análise partirá do sentido dicionarizado de verbos que ao serem intransitivizados ativam o MCI "tabus sociais" e a partir disso algumas considerações serão feitas. Nossa fonte de pesquisa foi o **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**, de Francisco da Silva Borba.⁸

7 Exemplo construído.

8 Referências das abreviaturas que acompanham os exemplos de Borba: GTT, 17 (LDIAFÉRIA. Um gato na terra do tamborim); SE, 63 (G. ROSA. Os sete pecados capitais); Z, 9 e 10 (BRANDÃO, I.L. Zero); Q, 400 (CALLADO, A. Quarup); VC, 52 (PALMÉRIO, M. Vila dos confins); PL, 66 (VASCONCELOS, J.M. O meu pé de laranja lima); CRU, 20 (O Cruzeiro); É, 135. (FERNANDES, M. É...)

1) BEBER: "Indica ação. Com sujeito agente expresso por nome humano, significa *ingerir bebida alcoólica*: "Esses frangotes de hoje não sabem beber (GTT, 17);

O homem não fuma, não bebe, não tem vícios (SE, 63)

Nessa definição dicionarizada do verbo **beber** há alguns aspectos interessantes. O primeiro deles é o **sentido lexicalizado** que o verbo adquiriu quando usado em uma construção gramatical intransitiva. Muitos linguistas contemporâneos, aliás, não admitem outra explicação para esse verbo desacompanhado de seu complemento e com significado de *ingerir bebidas alcoólicas* que não um processo de lexicalização, causado por um "complemento genérico", não tendo a construção gramatical nenhuma relação com esse sentido especializado. A questão que se coloca é por que a lexicalização não ocorreu, gerando um sentido genérico de "*ingerir água*"? Nesse caso, indubitavelmente, teríamos a generalidade como ativadora semântica da construção intransitiva, pois todo ser humano bebe água, porém nem todos ingerem bebidas alcoólicas. Outro ponto a ressaltar é o 2º exemplo, de natureza literária, dado por Borba: **O homem não fuma, não bebe, não tem vícios**. Essa frase aparece no livro de Guimarães Rosa et al. **Os sete pecados capitais**. Ela confirma nossa hipótese de que nesses casos a intransitivização guia o sentido para um MCI específico, cujo enquadre semântico-pragmático pode ser referido como "vícios", o que é válido também para o verbo *fumar*.

Importa ressaltar, ainda, que esse estudo visa a demonstrar que o sentido de uma sentença simples, quando enunciada, advém de um processamento cognitivo complexo que envolve não somente as escolhas lexicais verbais, como também as construções gramaticais nas quais eles se encaixam e as outras entradas de natureza não-verbal. Assim, a contribuição da construção é ativar uma rede de interpretações semânticas possíveis e desativar outras tantas; já o verbo é responsável pela configuração da cena na medida em que determina quantos e quais participantes farão parte dela, enquanto as escolhas léxicas que preenchem os *slots* destinados a esses participantes contribuem igualmente para a construção do sentido que se pretende, especificando melhor as "portas" cognitivas que serão abertas. Em resumo, toda construção gramatical e cada item presente nela são "chaves" que abrem as portas do significado. Analisemos alguns exemplos:

a) Meu carro bebe!

Vemos aí que a interpretação "*ingerir bebidas alcoólicas*" é bloqueada pela ausência do traço [+ humano] no argumento sujeito. Faz parte do conhecimento de mundo dos falantes a informação de que carros consomem combustíveis.

b) O homem está mal: já não bebe e não come.

Nesse exemplo, dado por Borba, o argumento ausente não se preenche com “*bebidas alcoólicas*”. Entende-se que o sujeito perdeu a **capacidade** de ingerir líquidos, o que, segundo nossa análise, é um dos sentidos disponibilizados pela construção gramatical intransitiva. Seria este, portanto, mais um argumento contrário à tese de lexicalização pura e simples do verbo “*beber*” com valência intransitiva.

- c) As crianças de rua bebem . (contrapondo-se a
- d) * As crianças bebem.)

Com esses dois exemplos fica explicitada a contribuição crucial dada pelos itens não verbais que preenchem o papel de participantes da cena evocada pelo predicador. O MCI ativado pelo SN “*As crianças*” se incompatibiliza com o MCI disparado pelo verbo *beber* em construção intransitiva, fato que não ocorre com o MCI acionado pelo SN “*As crianças de rua*”, que segundo nossos conhecimentos culturais, incorpora características do MCI “*tabus sociais*”. A incompatibilidade entre os MCIs faz com que ocorra o bloqueio semântico-pragmático da frase, refletindo-se na estrutura sintática, pois gera uma sentença agramatical, o que demonstra que o conceito de gramaticalidade é regulado por fatores diversos. Como argumento a favor da tese de que cada um dos elementos da estrutura sintagmática encaminha o sentido desejado é importante observar o papel do artigo definido no bloqueio da frase b, contrapondo-a, por exemplo, a uma frase como: *Algumas crianças bebem*.

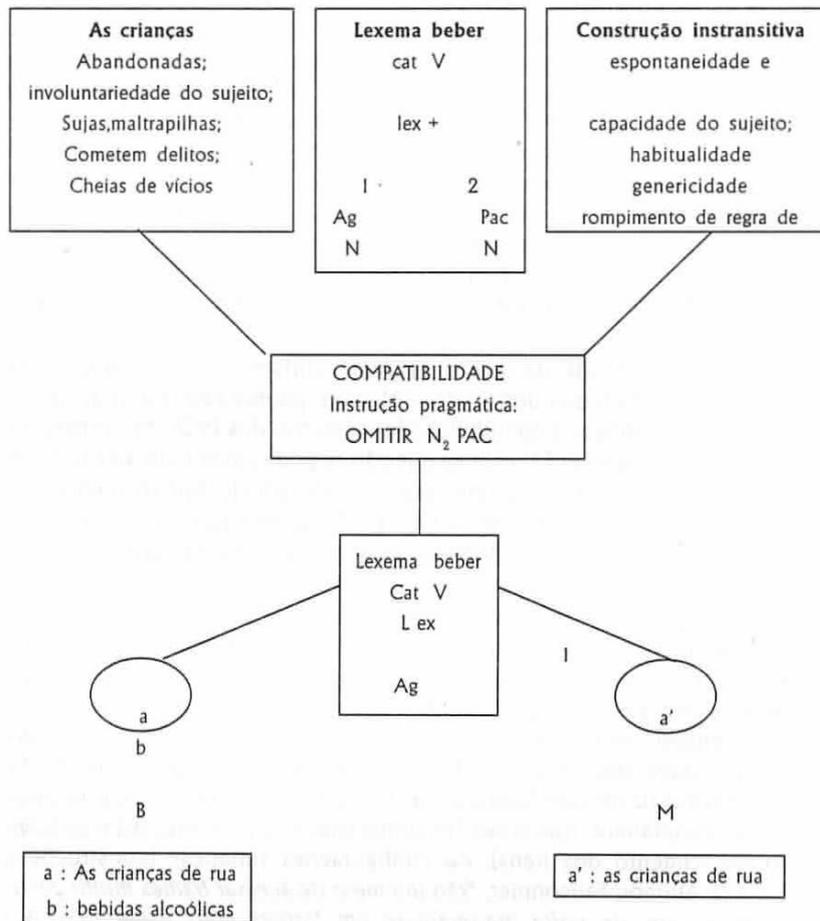
A gramaticalidade de a e a agramaticalidade de b só podem ser explicadas dentro da Teoria dos Espaços Mentais, porque essa é a única teoria linguística que reconhece a contribuição fundamental dos MCIs na construção do conhecimento. Lakoff (1971) afirma que não se pode admitir que seja possível falar de boa ou má formação de uma frase de modo isolado, sem levar em conta todas as pressuposições a respeito do mundo. O que vem ao encontro da teoria de Fauconnier que coloca a gramaticalidade e a aceitabilidade dependente de muitos aspectos ligados ao contexto, significado e uso.

O que ambos os esquemas pretendem mostrar é que o processamento cognitivo de uma sentença simples revela várias etapas simultâneas (perspectiva do modelo conexionista), pois, muito embora se tenha afirmado que as construções têm significado independentemente dos itens que a compõem, existe indubitavelmente uma interação entre eles, mostrando-se necessária uma referência cruzada entre a construção e o verbo selecionado para constituí-la. Logo, a construção do significado da sentença apóia-se em dois mecanismos de análise simultâneos: *top-down* (reconhecimento da construção) e *bottom-up* (reconhecimento dos itens). As configurações sintáticas (construções), conforme já afirmou Fauconnier, “*são um meio de acessar frames muito gerais e genéricos que, de volta mapeiam-se em frames mais específicos via*

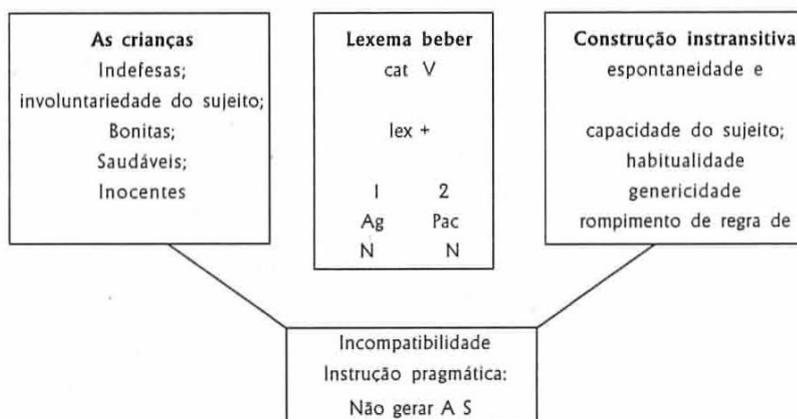
especificação lexical e assim estes frames por sua vez mapeiam-se em um mais específico ainda, determinado pelo contexto local". A determinação do contexto local especificando ainda mais os frames (MCI's) é que justifica a presença de uma instrução pragmática intermediando o processamento da sentença "As crianças de rua bebem" e bloqueando a geração do enunciado "As crianças bebem", pois, segundo Gumperz (1982) "há meios através dos quais o conhecimento é armazenado na forma de restrições sobre a ação e sobre o conteúdo."

Representação de c) **As crianças de rua bebem**

MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS ATIVADOS



Representação de d) *As crianças bebem.



2) DAR: Indica ação. Com sujeito agente expresso por nome humano, sem complemento (chulo) significa *Ter relações sexuais, copular, meter*: *Ela ia até à pensão e dava no quarto, mesmo com os outros olhando* (Z, 10); *Mulher gosta de dar* (Q, 400)

A valência prototípica do verbo DAR, como já foi descrita, reserva três slots destinados a um agente, um paciente e um destinatário. É, pois, um verbo de três lugares que integra a numerosa lista dos verbos de *transferência de posse*. No entanto, um uso já generalizado desse item lexical, que altera sua descrição de valência, ora apagando todos os seus complementos à direita, ora omitindo somente o paciente, especifica o sentido, conforme observado por Borba em *“Ter relações sexuais, copular, meter”*. Este é, assim, um dos verbos cuja alteração de valência ativa o MCI “tabus sociais”, abrindo a subrotina relacionada a “sexo”.

Essa mesma entrada lexical pode endereçar o significado ao MCI “drogas”, bastando que, para evitar ambigüidade, o SN2 perca seu núcleo mas mantenha seu determinante: *“dar um, dar dois”* significa *cheirar cocaína*, ação às vezes descrita como *“dar uns tiros”*. A essa construção na qual o complemento perde seu núcleo, mantendo, porém, o determinante, daremos o nome de **Construções semi-intransitivas**, as quais herdaram apenas o sentido “rompimento de norma de conduta” inerente às construções intransitivas. Vejamos um exemplo extraído da música “Fumanchu” integrante do CD “*Na gandaia*” do cantor Vinny: *“De noite dá um rolê com o carro do pai / Aperta um, dá dois mas é otário/ Ignorante, preconceituoso ao contrário...”*. O verbo “apertar”, conforme veremos mais adiante, usado intransitivamente, guia o sentido para o sub-campo semântico “drogas”, referindo-se especificamente à maconha. Nesse caso pode-se apelar também a uma construção semi-intransitiva. O verbo “dar”,

por sua vez, quando encaixado nesse tipo de construção desvia-se do subcampo 'sexo' e encaminha-se para o subcampo 'drogas', *dar dois* significa *inalar duas carreiras de cocaína*.

Também na literatura podemos encontrar a ocorrência desse fenômeno linguístico. No poema "*O dia da criação*" de Vinícius de Moraes há um trecho em que a intransitivização dos verbos é preferida já que o contexto que dá suporte às ações verbais revela uma situação na qual as pessoas estão mais "soltas" em relação às amarras sociais, porque é sábado e nesse dia, segundo o poeta, tudo pode acontecer: "*Porque hoje é Sábado. Há damas de todas as classes / Porque hoje é Sábado. Umas difíceis, outras fáceis / Porque hoje é Sábado. Há um beber e um dar sem conta / Porque hoje é Sábado. Há uma infeliz que vai de tonta / Porque hoje é Sábado...*". Além dos verbos "beber" e "dar" já analisados, uma outra construção intransitiva aparece agora com o verbo IR, cujo complemento locativo, exigido em sua valência (alguém vai a algum lugar) não aparece, imediatamente endereçando o sentido para o grande campo "tabus sociais". Esses versos de Vinícius são interessantes porque mostram a interação entre o contexto e a seleção de uma dada construção.

No livro "*Queda Livre*" de Renato Tapajós (1998) tem-se o seguinte diálogo entre jovens adolescentes da favela:

- *Eu transei a primeira vez com dez anos...*
- *Os meninos não usam camisinha mesmo.*
- *Aí a gente fica grávida...ó o barrigão - a garota puxava o vestido para destacar a barriga. Elas riram. Ana estava ficando aturdida.*
- *Mas também a gente dá porque quer...*
- *Porque gosta.*
- *É. Porque é gostoso mesmo.*
- *Se a gente não dá, os caras não querem saber da gente.*

Outro exemplo clássico está na música *Zepelim* de Chico Buarque na qual se tem a história de uma cidade inteira ordenando que se joguem pedras na Geni, uma personagem maldita porque mantinha relações sexuais com qualquer pessoa:

"Joga pedra na Geni, joga pedra na Geni/ Ela é feita pra apanhar/ ela é boa de cuspir/ ela dá pra qualquer um / maldita Geni..." Nessa mesma música se encontra o verbo IR sem seu complemento locativo significando, assim como no poema de Vinícius de Moraes acima citado, *ir fazer sexo*: *"Vai com ele, vai, Geni/ Você pode nos salvar/ Você vai nos redimir / Você dá pra qualquer um, bendita Geni..."*

3) FUMAR: indica ação com sujeito agente, com ou sem especificador. Significa *aspirar o fumo ou tabaco ou outros ingredientes do cigarro ou charuto: Angela fumava tranquilamente.* (VB,52)

A intransitivização do verbo 'fumar' de início fazia referência apenas ao ato de fumar cigarro (ocorrendo quase um processo de lexicalização, conforme descreve Borba), quando esse ato não era tão comum e que, por isso mesmo, era muito discriminado socialmente. Atualmente a disseminação do 'vício' inclusive entre as mulheres, tornou-o menos escandaloso, ocorrendo, portanto, a intransitivização não só para significar cigarro, mas também maconha. Como ocorre ambiguidade, o mais comum é o uso da construção semi-intransitiva (*fumar um*). Vejamos alguns trechos de depoimentos de viciados e ex-viciados em crack (Folha de S. Paulo, 19/04/99 - Folhateen):

- 1) *"Eu andava com um pessoal que cheirava. Nisso, eu tinha 14 anos. Mas nessa época eu nem me interessei, já fumava, cheirava bastante, achava que o crack estragava a cocaína."*
- 2) *"Falavam coisas do tipo: "se você fumar maconha, moleque, vai se viciar na primeira vez que fumar, em um mês você vai estar morto". Aí comecei a fumar um e vi que não era isso que acontece, imagina o incentivo que foi..."*

4) CHEIRAR: Indica ação. Com sujeito agente expresso por nome animado e com complemento expresso por nome concreto, *significa tomar o cheiro de, aplicar o sentido do olfato a.* Indica processo. Com sujeito paciente e com ou sem especificador, significa *exalar cheiro: os jasmims cheiravam.*

Usado em uma construção intransitiva o verbo 'cheirar' a princípio só poderia significar "capacidade de exalar cheiro", como no exemplo dado por Borba. No entanto, quando esse predicador é usado em uma construção intransitiva, acompanhada de um argumento sujeito [+ humano] o significado é *cheirar cocaína*. Dudu Nobre, um compositor de pagode, em um depoimento disse a seguinte frase: *"Sou um idiota quase perfeito: não bebo, não fumo e não cheiro."* (Programação com Astrid – Rede Bandeirantes de Televisão (10/10/99)

O enunciado de Dudu Nobre demonstra como o significado "é relativizado a cenas" ou seja, como o contexto da atividade de fala influencia o julgamento dos interlocutores. Se nós contrapusermos esse exemplo ao já citado *"Josino não bebe, não fuma, não joga"* veremos que ambos os falantes (a Senhora e o Pagodista) utilizam-se da mesma pista contextual (elipse) com diferentes *objetivos*

comunicativos, porque a moldura na qual esses atos de fala estão enquadrados são muito diferentes. A atividade de fala da Senhora enquadra-se numa moldura de *"padrões e papéis familiares"* cujo MCI estabelece que os vícios são inadequados. Já na moldura do *"samba e pagode"* o enquadre se dá dentro de um MCI no qual vícios são perfeitamente previsíveis e, de certa forma, até aceitáveis, daí a Senhora significar que o valor representado por seu marido, no papel destinado a ele, tinha uma conotação positiva; enquanto o Pagodista atribui uma conotação negativa ao seu papel, por isso a expressão *"um perfeito idiota"*.

5) METER: Indica ação. Com complemento, apagável, da forma em / com + nome animado significa *copular, estabelecer relação sexual*. O complemento pode coordenar-se ao sujeito e, então condensar-se numa forma de plural ou de coletivo *Aquele casal metia todas as noites. Uma colega gostava de dizer que o bom mesmo nesta vida é meter.*

Em sua valência prototípica o verbo 'meter' é um verbo de três lugares que reserva espaço à sua direita para um argumento objeto e um para um argumento locativo, formando sentenças como *O deputado meteu a mão no dinheiro dos pobres*. Todavia, ao ser usado em uma construção intransitiva, o significado se especializa em *"estabelecer relação sexual"*. O alto grau de especificidade dessa construção acabou gerando um *'sentimento de vulgaridade'* muito grande nos falantes, restringindo seu uso a contextos muito informais, nos quais quase sempre há um tom de humor e ousadia. Vejamos a seguinte mensagem exibida em camisetas: **(na frente):** *"Não bebo, não fumo, não meto...;"* **(no verso):** *"quando estou dormindo."* Aqui poderíamos achar que estamos diante de um paradoxo: assumimos de início que a intransitivização é uma estratégia de proteção de face pela elipse, porém no caso desse predicador o efeito que se consegue é inverso, dada a obviedade do sentido. No entanto, Goffman já nos dá a chave para o entendimento desse fenômeno, ao afirmar que *"Toda prática de salvar a face que consegue neutralizar uma ameaça específica abre a possibilidade de a ameaça ser introduzida pelos benefícios que pode trazer."*

6. JOGAR: Indica ação com sujeito agente. Com dois complementos: um, apagável, expresso por nome designativo de valor e outro da forma em + nome designativo de jogo, significa apostar: *Tinha saído para jogar no bicho (PL, 66)*

Muito embora Borba não reconheça, o uso intransitivo do verbo 'jogar' ocorre na língua portuguesa e nessa construção o complemento ausente é

determinado “*jogos de azar*”. O que se nota é que ultimamente esse uso é restrito, talvez porque assim como o ato de fumar cigarro passou a ser mais aceito socialmente, o jogo em que se aposta dinheiro deixou de ser “contravenção”, atingindo quase um status de legalidade haja vista a quantidade de jogos permitidos. Contudo, se o jogador torna-se compulsivo, dependente do jogo e coloca a estrutura familiar da qual faz parte em risco, nesse caso é selecionada a construção intransitiva.

7. SER: Indica processo. Com sujeito inativo expresso por nome/ oração e com predicativo expresso por nome, adjetivo ou equivalente, estabelece uma relação de atribuição essencial com o sujeito: *O Carlos é poeta* (CRU, 20)

O que dá a atribuição essencial do sujeito é o argumento predicativo, indispensável à sentença sempre que se usa o predicador ‘ser’. O que se nota, porém, é que se a atribuição que se quer predicar ao sujeito diz respeito a sua homossexualidade, os falantes do português muitas vezes optam pela construção intransitiva. O caso mais conhecido desse uso é a célebre marchinha de carnaval “Cabeleira do Zezé” na qual se tem o refrão “*Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é &? será que ele é &?*” O verbo SER sem seu predicativo, a princípio, geraria uma sentença agramatical, todavia nesse caso também o significado do enunciado é construído, pois quando o complemento verbal do predicador SER não vem explicitado, o significado é guiado para “será que ele é homossexual?” “dúvida que se levanta a partir de informações arquivadas no MCI em que se estabelece as características prototípicas de homens e mulheres e, entre aquelas marcadas como femininas, está [poder ter cabelos longos] como Zezé é [+masculino] ele não se enquadra na moldura destinada às mulheres, mas também não se encaixa no protótipo masculino já que tem cabelos longos, gera-se portanto a dúvida quanto a sua identidade sexual. Vejamos a interpretação dada por Roberto Pompeu de Toledo para esse clássico carnavalesco: “*Zezé era um cabeludo, eis o que se desprende da canção. E os cabeludos eram suspeitos. Suspeitos de quê? A chave mais explícita para a solução do problema encontra-se no terceiro verso da segunda estrofe: Parece que é transviado (...). É isso: Zezé é suspeito de homossexualismo. De ser “gay”, diríamos hoje.*” (Veja, 28/02/96). A hipótese de Zezé ser homossexual é dissimulada pela tentativa de se desconstruir as expectativas geradas pelo próprio discurso enquanto este flui: “*Será que ele é bossa nova? será que é Maomé? Será que ele é transviado, mas isso eu não sei se ele é.*” O único modo de dissolver de vez a dúvida é cortando o cabelo do Zezé.

Em outra situação de interação oral, duas adolescentes que falavam sobre o balé clássico fizeram referência a uma peça em que dois bailarinos do sexo masculino se beijam na boca. Imediatamente foram interrompidas por um jovem que fez a seguinte indagação: “*Mas era tudo artístico ou eles eram?*” (C. A. João XXIII - 7ª série, 1999)

O filme americano *"In and out"* (1997) teve seu título traduzido no português como *"Será que ele é?"* E sobre ele lê-se na **revista SET cinema e vídeo** de agosto de 1999: *"Diferentemente de muitos filmes lacrimosos sobre Aids e homossexualismo, esta comédia acerta ao explorar o tema pela história de um professor que (...) tem de convencer que não é gay..."*. Também a **revista Galileu** (ano 8, nº 87/ agosto/1998) faz a chamada de uma matéria sobre homossexualidade da seguinte forma: *"HOMOSSEXUALIDADE: Ser ou não ser, eis a questão."* E na seção de índice de reportagens volta a escrever: *"Ser ou não ser: esta (ainda) é a questão. A homossexualidade ainda é um assunto tabu. Mas o conhecimento científico pode vencer o preconceito."* A configuração sintática escolhida como manchete da matéria comprova a tese de que em se tratando de assuntos tabus a intransitivização do verbo é um recurso disponibilizado pela língua portuguesa.

8. TREPAR: Indica ação com sujeito agente. (chulo) Com complemento, apagável, expresso por nome animado, introduzido ou não por com, significa *copular*: *José é um homem comum, 28 anos, que () trepa. (Z, 9)*

O processamento do significado de uma sentença que tenha como predicador o verbo 'trepar' formatado em uma construção intransitiva é muito semelhante ao que acontece quando se tem o verbo 'meter'. Valendo tanto para este quanto para aquele a observação sobre contextos muito específicos e a percepção da natureza chula do termo.

9. GOZAR: Indica processo, com sujeito experimentador.
1. Sem complemento, significa *sentir prazer, atingir o orgasmo*: *Foi a maior trepada da minha vida. Gozei como nunca (É, 135)*

Esse predicador é mais um no qual a construção intransitiva age especificando o sentido. O exemplo escolhido por Borba mostra não só a nominalização do verbo 'trepar' herdando o mesmo sentido da construção intransitiva: *"trepada"* que é o mesmo que *'relação sexual'*, mas também comprova que a mesma moldura que enquadra a intransitivização do verbo 'trepar' emoldura a construção intransitiva com o verbo 'gozar'.

Além desses predicadores, alguns outros se prestam ao fenômeno da intransitivização com especificação de sentido. Um uso recente do verbo ASSUMIR, que na forma pronominal significa *aceitar seu próprio modo de ser*, em uma configuração sintática sem complemento à direita guia a construção do significado para *"aceitar a própria homossexualidade"*. Como exemplo de enunciado possível teríamos: *Clodovil agora resolveu assumir.*⁹

APERTAR é um predicador que vem ocorrendo com alguma frequência na construção intransitiva, significando “fumar maconha”, já que uma das etapas da confecção do “baseado” (cigarro de maconha) é apertar a erva de modo que ela fique mais compactada dentro do invólucro de papel. Um exemplo já citado é dado por Vinny “**aperta um, dá dois...**” Outro exemplo é dado por Bezerra da Silva, quando canta “**Vou apertar, mas não vou acender agora. Se segura malandro, pra fazer a cabeça tem hora...**”. Nesse exemplo um outro predicador assume a construção intransitiva “ACENDER” que nesse contexto específico adquire o significado: *acender cigarro de maconha*. A pista contextual dada pela expressão “*fazer a cabeça*”, para a qual um dos significados possíveis é *drogar-se*, encarrega-se de garantir a construção do sentido que se pretende. Com isso, podemos concluir que não só os itens lexicais pertencentes ao macro campo “tabus sociais” como também aqueles envovidos nos MCIs mais específicos podem ser ativadores de interpretações específicas quando usados em construções intransitivas.

6. Considerações finais

A formulação das construções como constructos teóricos é cognitivamente motivada na medida em que revela um processamento cognitivo otimizado, já que o significado torna-se relativamente independente dos itens lexicais, que são indubitavelmente mais numerosos e mais variados que as construções gramaticais. Além disso, ela revela muito sobre a natureza associativa (conexionista) da mente humana e o processamento cognitivo da construção do significado. Poderíamos fazer uma analogia das construções gramaticais com os processos de formação lexical por afixos: cada afixo tem sua função e/ou significado pré-estabelecidos na língua, ao usarmos cada um deles estamos nos isentando não somente do esforço de criarmos um novo item a cada nova necessidade, como também e acima de tudo, de memorizarmos um novo conceito semântico para a palavra nova. A analogia lexical é uma forma de otimizar o processamento cognitivo do significado, já que estabelece conexões entre o novo e o que já existe, tornando o ato de interpretar mais fácil e econômico. As construções são, portanto, uma forma de processamento analógico no nível sintático. Essas afirmações implicam em afirmar que a escolha da construção gramatical é tão motivada quanto as escolhas lexicais e que a soma de ambas é que constrói o significado da sentença.

Devido a complexidade da tarefa de construir sentido é coerente supor que estratégias de otimização diversas estejam envolvidas nessa atividade. Ao se admitir que as construções são, na verdade, *blocos de sentido*, estamos supondo que ao se escolher uma dada construção para uma sentença, a mesma se encarregaria de ativar uma lista de possíveis endereços (rotinas) e desativar outros tantos e, simultaneamente, numa segunda etapa, o processamento dos itens lexicais restringiriam a lista a um único endereço. Metaforicamente, é como se a construção nos conduzisse a um cômodo específico de uma casa e nesse

cômodo existissem várias portas que ficariam fechadas até que o processamento lexical fosse efetivado. A estrutura semântica da construção, segundo Fillmore, é análoga a instruções sobre como construir o significado da sentença, apelando sempre que necessário para informações do contexto local ou global.

A configuração intransitiva de verbos prototipicamente transitivos é um ato criativo dos falantes que projetam um domínio em outro e constroem novos significados.

Referências Bibliográficas

- BORBA, F.S. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1991.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FILLMORE, C. *On grammatical constructions*. Califórnia: UCL, 1988.
- GOFFMAN, E. A elaboração da face. In: GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- SALOMÃO, M.M.M. *O processo cognitivo da mesclagem na análise linguística do Discurso*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.